



Uma análise do livro *O diário das eras*: entre-lugar, mitos e representações¹

Daniele Teresa Samora²

Miguel Nenevé³

Sonia Maria Sampaio⁴

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar o livro *O diário das eras*, de Marcos Morasck, observando os seguintes aspectos na construção da narrativa: a função-autor, o processo de deslocamento e migração, a formação da identidade do sujeito no entre-lugar e os mitos e representações presentes na obra. Para tal, analisaremos a materialidade textual do livro *O diário das eras*. Os resultados nos permitem afirmar que o sujeito de fronteira representa, na obra de Marcos Morasck, a identidade do entre-lugar.

Palavras-chave: Autoria. Entre – lugar. Mitos e representações.

ABSTRACT

In this work we aim at analyzing Marcos Morasck's *Diário das Eras* (The Diary of ages), , observing the following aspects in the construction of the narrative: the author-function, the process of displacement and migration, identity formation of the displaced subject (in-between) and myths representations in the fictional work. For this purpose we will explore the textual materiality of the book. We argue that the results allow us to state that the theme of “border” is visible in Marcos Morasck's work as well as issues of the identity, dislocation and “in-betweeness”.

Keywords: Authorship. In-between place. Myths and representations.

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em uma análise do livro *O diário das eras* de Marcos Morasck. O livro foi escolhido pelos seguintes critérios: 1) não-canônico: buscou-se um texto escrito por autor local que não fosse, ainda, conhecido em âmbito nacional e/ou

¹ Uma versão anterior deste artigo foi apresentada como trabalho de conclusão da disciplina Cultura e Amazônia no Mestrado em Letras – Universidade Federal de Rondônia, setembro de 2014.

² Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Rondônia.

³ Professor do Depto de Letras Estrangerias – UNIR; Doutor em Inglês e Literaturas

⁴ Doutora em Educação. Professora do Departamento de Letras Vernáculas - UNIR



internacional; e, 2) pelo gênero: romance, pois possui enfoque narrativo, delineando o traço literário da obra.

Para tanto, analisaremos a materialidade textual da obra, observando os seguintes aspectos na construção da narrativa: a função-autor na perspectiva de Michel Foucault (1992); o processo de deslocamento e migração e a formação da identidade do sujeito do entre-lugar, a partir dos estudos de Homi Bhabha (1998); e, por fim, os mitos e representações presentes na obra.

Conseqüentemente, a pesquisa justifica-se pela importância de se delinear aspectos de autoria na produção local, não-canônica.

AUTORIA: “O QUE É UM AUTOR?”

A abordagem dada nesta seção sobre a autoria parte da leitura do texto *O que é um autor?* de Michel Foucault (1992). Não é pretensão concordarmos ou discordarmos das teorias apresentadas sobre o possível desaparecimento do autor, buscaremos apenas revisitar as noções de autor e a função-autor, apresentando-as para substanciar possíveis questionamentos no estudo da obra *O diário das eras* (2013) de Marcos Morasck.

Foucault (1992) informa que a autoria não era problema na antiguidade e que os textos, conhecidos hoje como literários, preservavam um anonimato, apenas os textos científicos eram reverenciados pelo nome do autor. E é a partir dos séculos XVIII (final) e XIX, que os textos passaram a ter autoria, na medida em que os discursos tornaram-se transgressores. Nesse momento, caracteriza-se a primeira função-autor. Já a segunda função-autor estabelecerá a confiabilidade da informação e a origem do texto literário. Em contraponto, é um período onde muitos discursos são vinculados sem recorrer a uma autoria. Na terceira função-autor, o processo de autoria dar-se-á pela racionalidade, os textos passaram a ser específicos e complexos. Por último, a função-autor será distinguida pelos diversos “eus” presentes na obra. A presença da pluralidade de “eus” – o “eu” que fala em um prefácio, ou que argumenta no corpo de um livro ou, ainda, que



avalia a recepção da obra publicada – é compreendida como uma posição enunciativa, ou seja, o autor é definido pelo próprio texto.

Em *A ordem do discurso* (1996, p. 28), Foucault define o autor como “aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção do real”. Portanto, o autor é aquele que se coloca como responsável pelo que produz; é o sujeito que agrupa o discurso, a unidade e a origem de suas representações; é aquele que possibilita a formação de outros textos; “é então momento histórico definido e ponto de encontro de certo número de acontecimentos” (FOUCAULT, 1992).

Ainda assim, Foucault levanta a hipótese de anonimato da autoria, pois “já que você não sabe quem eu sou você não terá a tentação de procurar os motivos pelos quais eu digo o que você lê” (2008, p.301). Entende-se aí, que a proposta é dar liberdade a produção e evitar conferir status a quem escreve, já que esses discursos em uma determinada sociedade e cultura pontuam a existência do status de autor, muitas vezes, condicionada apenas pelo nome-autor e não pela qualidade da obra. Melhor, a obra devia ser analisada antes pela sua estrutura e pelo jogo interno de relações, apesar da função-autor ser condicionada à função-sujeito, pois o sujeito sempre fala de algum lugar e não é dono livre de seus atos discursivos.

Então, o que torna alguém um autor é o próprio fato do nome-autor caracterizar o modo de ser do seu discurso, atribuindo, através dos recortes e características que o leitor faz de seu texto, a função de autor. Um autor se torna canônico quando sua obra passa pelo crivo de estudiosos no campo das Letras, isto é, as “autoridades” críticas, e são aceitos como parte das obras universais. Uma breve discussão sobre cânone parece ser relevante para nossa argumentação.

CÂNONE OU BEST SELLER? – BREVE ANÁLISE

O livro é considerado canônico pela crítica quando veicula o discurso normativo e dominante em um determinado contexto, o que evidencia a escolha subjetiva de um grupo, ou ainda, quando atribuem valores as obras como a concisão, clareza, surpresa, sonoridade, despersonalização absoluta, novidade e atualidade dentro de um tempo.



No entanto, tais critérios não são suficientes para definir o que é ou não canônico. Muitas obras apresentam as mesmas características e nem sempre são elencadas como obras-primas, cânones. O que parece definir se uma obra é ou não-canônica é o fato da academia privilegiar o estudo e ensino de umas em prol de outras. O papel desempenhado pelo intelectual é importante, já que ao promover escolhas, optam por umas e eliminam outras, selecionando quais culturas devem ser lidas e analisadas.

Não estamos defendendo a ideia de que não se deve ler ou estudar cânones, mas assim como outros teóricos, compreendemos que a escolha em ensinar apenas o cânone oferece ao outro a padronização do gosto literário. Retomando Foucault (2008), o cânone literário funcionaria como um disciplinador dos diversos discursos autodeclarados estéticos.

É necessário pontuar, também, que ser canônico não significa ser *Best seller* ou vice-versa. Um livro é considerado *Best seller* quando é incluído na lista dos mais vendidos no mercado editorial, ou/e quando possui maior número de adaptações e traduções em outros idiomas, além de ampla exposição nos meios de comunicação e ser aceito pelo gosto popular. Em contrapartida, não significa dizer que todos os *Best seller* sejam ruins; assim como não podemos dizer que pelo fato de serem cânones, todos sejam bons.

A ideia que compartilhamos é a mesma de Foucault, o livro deve ser analisado enquanto obra-estrutura, significação. Por isso, que atribuir autoria a obra causa antecipadamente um julgamento pelo status conferido ao nome-autor, não pelo o que a obra vale e representa. Diante do fato, ao escolher uma obra local, não-canônica e longe da lista dos *Best seller* nacionais e mundiais, estamos oportunizando e valorizando a leitura e apreciação da escrita e não da autoria da obra.



DESLOCAMENTO E FRONTEIRA – O ENTRE-LUGAR NA OBRA DE MARCOS MORASCK

Nesta seção, abordaremos brevemente os conceitos de deslocamento e fronteira, marcando o entre-lugar como ponto principal identificado na obra *O diário das eras* de Marcos Morasck. Para tal, utilizaremos os escritos de Bhabha (1998).

Partindo do princípio que, “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo se começa a ser fazer presente” (BHABHA, 1998, p. 19). Percebe-se aí, o local que será ponto de encontro entre as culturas, sem, contudo, não haver hegemonia uma sobre a outra.

Ainda nessa perspectiva, o entre-lugar marca o local da cultura, isto é, é ele que carrega as histórias de um povo, o significado da cultura. Para Bhabha,

esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia da sociedade. (BHABHA, 1998, p.20)

O conceito trabalha a nova forma de organização cultural, a partir da pluralidade cultural. A cultura é, portanto, lugar de movimento, lugar do híbrido. Ou ainda,

A cultura migrante do “entre-lugar”, a posição minoritária, dramatiza a atividade da intraduzibilidade da cultura; ao fazê-lo, ela desloca a questão da apropriação da cultura para além do sonho do assimilacionista, ou do pesadelo do racista, de uma “transmissão total de conteúdo”, em direção a um encontro com o processo ambivalente de cisão e hibridização que marca a identificação com a diferença da cultura. (BHABHA, 1998, P. 308)

Então, é a partir das relações extraterritoriais e interculturais que o estranhamento se inicia e o entre-lugar desterritorializa o nacional. Como consequência, o deslocamento leva o discurso dominante a dividir-se e tornar-se representativo. Há a formação do hibridismo que representa a ambivalência entre a dominação e a resistência, entre o presente e o passado.



A OBRA - O DIÁRIO DAS ERAS

O diário das eras é um romance escrito por Marcos Morasck, publicado pela editora Moriá em 2003, Londrina. Nascido em Umuarama/PR, mudou-se para Ariquemes/RO, onde vive desde 2002. É professor e membro da Academia de Letras de Ariquemes e escritor.

O livro é dividido em vinte capítulos curtos. Apresenta um texto metalinguístico, pois a história trata do mistério em torno de uma família guardiã de um grande segredo: o livro – *O diário de eras*.

- De certa forma todo livro é vivo, garoto. Todo livro fala, conta, ensina, chama pelo seu leitor; o problema é que há pessoas que não aprenderam a ouvir as vozes dos livros. Mas esse livro é diferente dos outros, ele foi escrito usando um tipo de magia poderosa. Revela segredos, ministra e dá conhecimento e poder para quem o lê. (MORASCK, 2013, p. 14)

O texto é linear, apesar de recursos de volta ao tempo, onde se busca por meio da memória do narrador-personagem e de relatos de outras personagens encontrarem os significados dos mistérios estabelecidos em torno da identidade da família guardiã do livro e, principalmente, da identidade do narrador-personagem, Ivã. O recurso do *flashback* aciona histórias do passado que misturado à narrativa fantástica (fantasma, viagem no tempo através do diário das eras e o mistério em torno do livro) são pré-requisitos que delinearão a identidade da personagem Ivã. Assim, como diz Bhabha (1998, p. 27), “o “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver”.

O conflito da narrativa acontece a partir do processo migratório que a família de Ivã é submetida. Em busca de trabalho e vida digna, fazendo o movimento metrópole-colônia.

Como se tivesse muita coisa para arrumar – pensei ao olhar para as três malas junto à porta. Nelas estava tudo o que tínhamos, inclusive nossos sonhos. [...] Sei que você não está empolgado com nossa mudança, mas também nunca gostou de morar aqui, então pelo menos nos dê a chance de começarmos de novo. Você sabe como preciso de emprego. (MORASCK, 2013, p. 11-12)



É importante salientar que, no texto aqui analisado, há uma inversão da ordem típica de imigração. Geralmente, os processos migratórios acontecem colônia-metrópole. Saída do lugar “subdesenvolvido” para o “desenvolvido” em busca de trabalho. Já na obra de Marcos Morasck acontece o deslocamento metrópole-colônia, que representa: 1) a identidade em movimento, 2) fronteira temporal e espacial, e, 3) o entre-lugar⁵.

É na fronteira que as diferenças culturais entram em contato e passam a interagir, ou seja, a negociação das diferenças culturais trabalha com a passagem entre fronteiras; o presente e o passado, o dentro e o fora, o entre-lugar fornecem o local de passagem, onde uma “coisa” não é mais ela, mas não é totalmente outra. Melhor, é a partir do entre-lugar que as identidades estão sujeitas ao processo de mudança e transformação.

Caldeira era muito pior do que eu tinha imaginado. Era uma cidade com aspecto de coisa velha. Com certeza tudo ali tinha mais de meio século de vida, inclusive a maior parte da população. [...] De repente paramos e ela avisou que tínhamos chegado. Larguei as malas, estava ofegante, tomei fôlego, limpei o suor da testa e tive novamente vontade de ter poderes para fazer com que aquela casa desabasse antes que entrássemos nela. (MORASCK, 2013, p. 17)

O narrador-personagem é confrontado com novas identificações locais, quando ocorre o deslocamento, as culturas são atravessadas por profundas divisões e diferenciações internas, o “entre-lugar”, faz com que o “além” seja um “espaço de intervenção no aqui e no agora”. Segundo Bhabha (1998, p. 23), “Além” significa distância espacial, marca um progresso, promete o futuro [...]”.

- A paixão é vermelha, o perigo é verde, as pessoas são roxas, a escola é cinza e o mundo, um arco-íris de oportunidades. Sei também que para quem não conhece Caldeira, mudar-se para cá, não é nada agradável, pois se parece muito com um cemitério abandonado, mas sei ainda que você em breve se surpreenderá aqui. (MORASCK, 2013, p. 31)

⁵ Para Bhabha (1998), o entre-lugar é local da cultural.



Para o crítico Edward Said (2007), o novo lugar aparece sempre de forma dicotômica, ora como descoberta, como discurso colonizador, ora como local de sonhos, das imagens e fantasias.

[...] o Oriente é uma idéia que tem uma história e uma tradição de pensamento, imagística e vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, desse modo, apóiam e, em certa medida, refletem uma à outra. (SAID, 2007, P. 17)

No *Diário das eras*, há um trecho onde Ivã e Diego, personagens do enredo, conversam, um com o discurso do colonizador e o outro com o discurso do colonizado, respectivamente.

Todos estavam sabendo. Coisa de cidade pequena. Decidi aproveitar a oportunidade e investigar:

- Todo mundo aqui é bom aluno? Presta atenção, faz a tarefa...
- Quase todo mundo. Tem sempre alguém que vem de fora ou é de alguma família desajustada como é o caso do Rubens, mas em geral todos querem estudar, aprender e fazer algo para sair daqui. Caldeira não é um lugar promissor, entende?
- Ah... agora faz sentido – comentei enquanto pensava como o garoto era sincero.
- Todos aqui querem conhecer o mundo, fazer mais que seus pais fizeram, sabem que só vão conseguir isso estudando mais que eles. É a única porta de salvação para sair dessa cidade e se dar bem no mundo lá fora.
- Eu também queria me dar bem e quanto mais longe daquele lugar, melhor. Talvez precisasse seguir a filosofia local e pasmem: estudar. (MORASCK, 2013, p. 32)

É perceptível no excerto, a presença do discurso do colonizado que está sob domínio do discurso do colonizador, de que a colônia é sempre um lugar menor, sem cultura, promovendo o não reconhecimento identitário e, por tabela, propiciando e apagando a identidade do outro. O objetivo é sempre apresentar o colonizado como uma população menor, de tipos degenerados, lugar não promissor, justificando, assim, a conquista discursiva sobre a colônia.

Todo episódio de conquista e descoberta é marcado por duas questões, como fala Todorov (2003, p. 69), “a alteridade humana é simultaneamente revelada e recusada”. Ao mesmo tempo em que não deixa de sentir o desconforto da influência e o



embaraçoso desejo de copiar e imitar o novo lugar. Sobre tal relação, buscaremos os escritos de Bhabha, que diz:

Tanto o colonizador como o colonizado estão em um processo de cognição equivocada, onde cada ponto de identificação é sempre uma repetição parcial e dupla da alteridade do eu – democrata e déspota, indivíduo e servo, nativo e criança. (BHABHA, 1998, p. 145)

Logo, o entre-lugar é marcado pelo desequilíbrio de poder e conhecimento, entre o central e o periférico, o superior e o inferior. Dessa forma, como afirma Bhabha (1998), é a relação com a tradição que permite às minorias buscarem uma identidade e conferirem autoridade aos seus discursos. Revelado na obra *O diário das eras* – através da busca do narrador-personagem em entender o novo local e sua história, seu passado – pelo entre-tempo⁶ desenvolvido pelo discurso histórico.

A IMAGEM QUE FAÇO DO OUTRO – DELINEANDO IDENTIDADES

O sujeito colonial é sempre determinado de fora. Em *O diário de eras*, o narrador-personagem determina o outro a partir da imagem que ele faz desse outro. Começa construindo a imagem dos professores, delineada sempre a partir da relação que estabelece com esse outro.

Os professores, por sua vez, tinham parado no tempo, na idade da pedra e por isso as três melhores coisas que sabiam fazer era: grunhir como animais caso alguma coisa não os agradassem, balançar a régua de madeira num gesto ameaçador, pronto para acertar qualquer desavisado e rabiscar coisas incompreensíveis na parede com um giz branco, como se aqueles símbolos e desenhos tivessem grande utilidade. (MORASCK, 2013, p. 11)

Veja que a relação da personagem Ivã com a escola não fazia muito sentido para ele, pois tinha dois anos a mais que o restante da sua turma e adorava chamá-los de “retardados infantilizados”; além de reproduzir uma imagem ríspida e desrespeitosa a respeito de seus professores.

⁶ Para Bhabha (1998), é o intervalo temporal na representação histórica.



E eu aborrecido com tudo, comecei a pensar: Estudo? Se estudo fosse grande coisa não haveria intelectuais pobres, os filósofos morariam em mansões e os professores governariam a terra. Eu não achava que as dificuldades vinham da falta de estudo de minha mãe, acreditava que estávamos naquela situação por causa do meu pai. (MORASCK, 2013, p. 12)

Há três condições estabelecidas para o processo de identificação, segundo Bhabha (1998): 1) ser para o outro implica ser chamado à alteridade; 2) o lugar é um espaço de cisão; e 3) a identidade é sempre a produção de uma imagem assumida pelo outro. Assim, “[...] a identidade nunca é um a priori, nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade (BHABHA, 1998, p. 85).” É notório que a personagem produz imagens do outro de forma parcial e fragmentada, o jogo é mantido a partir da relação de Ivã com o mundo que está inserido. Como na descrição, abaixo, feita da própria mãe, observe:

Estava magra, tinha os braços finos, as mãos grossas e as unhas desgastadas. Usava o cabelo cacheado amarrado na nuca e um vestido rodado de segunda-mão. Apesar da aparência sofrida, ela escondia uma bela mulher e uma força de vontade inquestionável. Desejei naquele momento ter poderes para fazê-la feliz ao menos uma vez na vida. (MORASCK, 2013, p. 15)

Veja como Ivã descreve, inicialmente, Dona Belina, proprietária da pensão onde ele e sua mãe moravam:

A senhora era uma mulher enrugada, com pouco mais de um metro de altura, cabelos fartos, grisalhos e despenteados. Senti que tinha achado o fantasma que faltava. Tive vontade de rir dos meus próprios pensamentos, mas me contive. (MORASCK, 2013, p. 18)

Compreende-se aí, que quando ele não se reconhece e não se identifica, também não reconhece o outro. A imagem que ele faz do sujeito e ou do objeto nem sempre é a imagem daquilo que realmente é. É verificada na ideia exposta anteriormente, numa conversa com Eloísa, personagem da narrativa, uma nova imagem descrita de Dona Belina.

- Você é péssimo e sarcástico Ivã. Dona Belina é um doce. Uma das mais antigas moradoras e uma das mais...
- Assustadoras?
- Meigas, eu ia dizer. Você vê sempre o lado ruim das coisas?



- Não. Só quando mudo para cidades-fantasma.
- Nem quero imaginar o que você dirá sobre mim quando eu não estiver perto. (MORASCK, 2013, p. 21)

Ou como caracteriza a professora Ângela, observe:

Minha mente já tinha feito várias imagens dela. Imaginei-a como uma velha de nariz aquilino e com a fala estridente olhando-me com expressão de desprezo. Depois pensei que era uma mulher magra, inflexível na postura, com cabelo amarrado num toque simétrico e com voz imperativa. Ainda cheguei a vê-la como uma mulher pequena, solteirona, de olhos tristes e cheia de sonhos não realizados. Contudo, nunca estive tão longe da realidade. A professora Ângela não aparentava ter mais de 25 anos, era magra, elegante, cabelos cacheados, sorriso simpático, voz clara, suave e decidida. (MORASCK, 2013, p. 36)

Nos excertos, fica claro que a identificação “[...] é sempre uma questão de interpretação, pois ela é um encontro furtivo entre mim e um si-próprio, a elisão da pessoa e do lugar (BHABHA, 1998, p. 87)”. Então, concordamos com Pêcheux (2012), quando fala que o sujeito projeta no outro formações imaginárias, ou seja, a capacidade que o sujeito tem em colocar-se em posições, fazendo o jogo de imagens: 1) a imagem que faço de mim; 2) a imagem que faço do outro e 3) a imagem que faço do objeto. Logo, “o desejo pelo outro é duplicado pelo desejo na linguagem, que fende a diferença entre o Eu e Outro, tornando parciais ambas às posições, pois nenhuma é auto-suficiente” (BHABHA, 1998, p. 85). Portanto, a identidade cultural é sempre construída pela alteridade.

MITOS E SÍMBOLOS NA OBRA DE MARCOS MORASCK - CONTEXTUALIZANDO

Na obra de Marcos Morasck há a presença de símbolos e mitos que norteiam a construção da narrativa. Antes de pontuarmos quais são esses símbolos e mitos, é importante, primeiramente, distingui-los, brevemente, entre si. Os símbolos designam um tipo de signo em que a realidade concreta representa algo abstrato, pode estar relacionado a um objeto ou ideia que representa. Já os mitos são narrativas utilizadas



para explicar fatos da realidade e fenômenos da natureza que não eram compreendidos pelo homem, nem esclarecidos pela ciência.

O primeiro símbolo forte dentro da narrativa é o *corvo*. Na antiguidade, essa ave representava a astúcia, a cura, a sabedoria, a fertilidade e a esperança. Era sinal de bons presságios. Para os gregos, o *corvo* desempenhava o papel de mensageiro dos deuses, pois possuía funções proféticas e podia dar fim à má sorte. Em contrapartida, com a formação do cristianismo, atualmente, a ave está associada ao profano, à magia, à bruxaria e à metamorfose, simboliza a morte, a solidão, o azar e o mau presságio. Inicialmente, na narrativa, a personagem Ivã entende o corvo como mau presságio, depois descobre que o pássaro é enviado para servir-lhe de guia, é a ave que confere sabedoria, mensageira enviada pelo “fantasma” – Monge – seu avô.

[...] Parece que está me seguindo. [...]
- Ainda bem, porque eles me assustam.
- Corvos sempre assustam. São símbolos de mau agouro. Carregam morte e más notícias por onde passam. (MORASCK, 2013, p. 40)

Mais adiante o narrador, de certa forma confirma a ideia do *corvo* como uma imagem assustadora, complexa, complicada e que provoca muitas interrogações:

[...] Quase caí ao ter que fazer uma curva muito acentuada e neste momento vi o corvo planar bem e minha frente.
Mau agouro? – tive tempo de perguntar. Mau agouro era parar nas mãos daqueles dois tipos letais – respondi e então decidi seguir o pássaro.
[...]
O corvo me esperava num galho a frente. De alguma forma ele estava me guiando para fora da mata. Voava baixo e sentava num galho até que eu o alcançasse, depois tornava a repetir a manobra. [...] (MORASCK, 2013, p. 64)

Morasck, assim como Edgar Allan Poe em *Raven*⁷, prefere representar a figura do *corvo* como aquele que vem do “além” para ser o mensageiro e o guia do narrador-personagem.

⁷ O poema “The Raven”, O corvo – tradução portuguesa – é considerado uma obra canônica do escritor Edgar Allan Poe. É composta por cento e oito versos, conta a história da personagem que lamenta a perda de sua amada.



O segundo símbolo é o *cemitério*. É neste lugar, que Ivã se reconhece e identifica. É no *cemitério* que descobre a sua história, é na lápide que está preservada e registrada sua memória familiar e a memória coletiva da cidade de Caldeira.

O cemitério ficava na parte mais baixa da cidade escondida por um arvoredo. Era um lugar todo cimentado com túmulos e mausoléus dos mais variados tipos. O lugar parecia bem cuidado e a visitação freqüente, pois havia flores em várias sepulturas.

O túmulo do Monge era um dos últimos. De repente parei. Lá estava ele, o corvo, sobre o galho de uma árvore. Olhava-me com atenção, o bico esticado levemente para o lado.

[...] Apenas uma cruz e uma placa sobre a tampa de concreto, nada de velas ou flores.

Finalmente ao ver a placa e nela ler o nome completo do Monge, seu mundo caiu, desabou; senti-me zozzo e apoiei-me em Eloísa que ajudou-me a sentar sobre a tumba de um desconhecido. [...]

- Ivã Augusto Cachoeiras – disse assustado.

- Sim. Era esse o nome do Monge.

- É o nome do meu avô. (MORASCK, 2013, p.52 -53)

Nessa passagem, a noção de pertencimento é marcada pela revelação da identidade. Agora Ivã está inserido em um grupo, não há mais o estranhamento de não fazer parte e/ou não se reconhecer identitariamente, como acontecia antes da ida para Caldeira. Já no trecho abaixo, é perceptível o distanciamento com o passado e o quão era obscuro a história de sua família e, por tabela, sua própria história.

Aquela era uma história que eu não conhecia. Tudo o que eu sabia vinha de relatos de minha mãe. Contudo, nunca tinha respostas suficientes para minhas perguntas. Fato é que minha árvore genealógica não passa de um arbusto podado. Meus avós maternos tinham morrido num descarrilamento de trem e minha mãe fora criada por uma tia. Meu pai, Augusto Cachoeiras, como já mencionei, tinha desaparecido, a mãe dele morrido de tuberculose pouco antes dele se casar com minha mãe. Dessa forma, tudo que eu sabia sobre aquele avô era seu nome, que constava em minha certidão de nascimento, e que meu próprio pai mal tinha chegado a conhecê-lo. (MORASCK, 2013, p. 53 -54)

A terceira simbologia remete-se a *Jesus Cristo* e a seus doze discípulos, incluindo as histórias do traidor Judas e o livro sagrado. No livro, os dozes discípulos, pessoas de diferentes profissões, moradoras de Caldeira, são seguidoras dos ensinamentos do Monge, que possui *O diário das eras*, livro constituído de saberes e mágico, guardador de um grande segredo.

As analogias dão-se da seguinte forma. Veja:



1. Monge – Jesus Cristo: homens ungidos de verdades possíveis de transformar o homem. Inspiram tranquilidade e bondade, através da palavra e de ensinamentos conseguem formar discípulos que seguem e transmitem seu legado. Assim como Cristo, o Monge vira alvo de perseguição, pois incomoda os políticos locais. Os mistérios em torno deles transformam-nos em lendas. Mesmo após morte, continuam sendo “objeto” de busca e conspirações.

- Os doze, assim como na bíblia, éramos os discípulos do Monge. Éramos seus seguidores e protetores ao mesmo tempo.
- Então o apelido Monge não era apenas por causa da aparência? Ele realmente era um tipo de pregador.
- É difícil definir, mas a grosso modo podemos dizer que era isso.
- Quem eram os doze? – eu tinha muitas perguntas.
- Tomé, o agricultor; Belina a pensionista; Damião, o pedreiro; Rúbia, a dona do bordel; Tiago, o secretário da prefeitura; Ana Maria, a costureira; Saulo, o carpinteiro; Silvia, a bancária; Renato, o médico; Adriano, o padre; Ângela, a professora e eu. Nessas pessoas você pode confiar para o que for preciso, Ivã. Seu avô confiou em nós a vida toda. (MORASCK, 2013, p. 86)

2. O diário das eras – Santo Graal: ambos os objetos de desejo, de guerras, mortes e conflitos ao longo das épocas; também, objetos de cura, milagres e salvação.

[...] Um livro muito mais antigo que a bíblia. Um livro escrito com a magia do princípio do mundo, do tempo em que Deus olhava os homens face a face e caminhava sobre a terra. Seu avô pertencia a uma geração que esconde e protege este livro desde que ele foi escrito. Um conhecimento muito importante, abençoado e ao mesmo tempo perigoso se cair em mãos erradas. (MORASCK, 2013, p. 91-92)

3. A traição: Judas – Ricardo: foram discípulos e estavam sempre próximos de seus mestres; o primeiro era político, administrador e homem de negócios; o segundo, médico, homem das ciências, os dois viram em Cristo/ Monge a mudança no plano material. A partir da traição cometida por eles, há um fortalecimento da lenda dos salvadores, perpetuando o mistério em torno do nome de Cristo e do Monge.

[...] o Monge tinha sido traído. Havia um traidor entre os doze. Nada mais clichê. Eu diria o mesmo que você se não estivesse preocupado com minha própria pele, afinal, se o assassino queria o livro, agora eu estava em perigo. (MORASCK, 2013, p. 103)



O Monge, assim como Cristo, é traído por um deles, alguém a quem confiou seu segredo.

- Já matei duas pessoas para ficar com o livro e não terei problema em matar mais uma. Vocês não vão conseguir esconder esse livro para sempre. Não no mundo de hoje. Vá cuidar da sua neta, velho. Só quero ir embora com o livro. (MORASCK, 2013, p. 144)

Sendo assim, *O diário das eras* é o próprio mito fundador no enredo e o fantasma do Monge a ligação entre os mortais e o divino, uma vez que o fantasma é sempre descrito como aquele ser solitário que busca assombrar um lugar, objeto ou pessoa ao qual esteve ligado em vida, como é o caso do Monge. Esteve aprisionado ao local onde morava, após seu assassinato, sendo que o mesmo local foi habitado pelo seu neto, herdeiro da tradição e dos mistérios protegidos em vida pelo Monge.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo as definições já colocadas anteriormente, o livro *O diário das eras* não é um cânone nem um *Best seller* da literatura brasileira; a obra faz parte do grupo de escritos produzidos no Brasil e merece atenção por fazer parte da literatura local, mesmo que não se encaixe ainda em uma denominação mercadológica e/ou pela crítica literária. Acreditamos que há produções com qualidade sem pertencer ao grupo dos indicados e selecionados pela crítica, por isso ao optar pelo *O diário das eras* estamos partindo para o processo de descolonização discursiva instaurado, de que só os considerados cânones e os *Best seller* são merecedores de atenção.

Não é objetivo do trabalho em tela esgotar as questões relativas à obra, nem tampouco produzir uma crítica literária a respeito do livro, o propósito foi elencar pontos dentro da obra pertinentes a discussão e análise, despertando a curiosidade em outros leitores sobre a narrativa através de questões, que entendemos, mais relevantes, como o entre-lugar, os mitos e os símbolos representativos. Melhor, tornar o desconhecido, conhecido.



Após percorrer essas etapas, os resultados nos permitem afirmar, primeiro, que o sujeito de fronteira representa, na obra de Marcos Morasck, a identidade do entre-lugar. Segundo, que os mitos e os símbolos representados, no texto, remetem-se ao livro, considerado como o mais lido e citado pela humanidade, a Bíblia. As questões enfatizadas, por Morasck, são análogas as histórias da Bíblia: a busca pelo sagrado e pelo material como objeto de desejo dos Homens, a passagem de tempo marcada por disputas e guerras e o mistério em torno de escritos que trariam paz e salvamento aqueles que seguissem.

E por fim, porém não menos importante, como muitos *Best seller* da atualidade, a conspiração que sempre há uma linhagem sagrada e protetora do livro sagrado, ou seja, gerações da mesma família, que em diferentes épocas, herdaram o direito e o dever de manter a identidade protegida e perpetuar o mistério e os segredos presentes no livro. O representante ou herdeiro, se preferirem assim chamar, escolhe os discípulos que ajudarão na árdua tarefa de manter, primeiro, o segredo guardado e, segundo, de vivenciar as experiências ensinadas no livro.

Por tudo, é notória a qualidade do livro, marcada por verossimilhança⁸, fluxo narrativo⁹, mimese¹⁰ e principalmente o envolvimento do leitor com os mistérios que permeiam a história.

REFERÊNCIA

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Leituras Filosóficas – 6ª edição. SP: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. O Filósofo Mascarado. In: Arqueologia da Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Ditos e Escritos II. Org. Manoel Barros de Mota. Trad. Elisa Monteiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

⁸ Verossimilhança é quando a narrativa assemelha-se a realidade, provoca no leitor a impressão de verdade.

⁹ O fluxo narrativo acontece a partir das dicotomias: realidade x desejo, passado x presente, morte x vida.

¹⁰ A mimesis é a representação da natureza, a imitação de uma ação.



FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Vega: Passagens. Tradução de Antonio F. Cascais e Edmundo Cordeiro, 1992.

MORASCK, MARCOS. O diário das eras. Londrina: Moriá gráfica e editora, 2013.

PÊCHEUX, Michel. O discurso – Estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 6ª edição, Campinas/SP: Pontes editores, 2012.

SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 (tradução de Rosaura Eichenberg).

TODOROV, Tzvetan. A conquista da América – A questão do outro. Tradução: Beatriz Perrone – Moisés. SP: Martins Fontes. Coleção Tópicos, 2003.